Síntese Nº 41 (1987) – Pag. 55-64

FILOSOFIA E VIOLÊNCIA*

Marcelo Perine

Na Introdução do curso de Lógica, ministrado regularmente por Kant de 1755 a 1797 na Universidade de Königsberg e publicado em 1800 pelo amigo e discípulo Gottlob B. Jäschen, o parágrafo III trata brevemente do conceito de filosofia em geral, da filosofia considerada na sua noção escolástica e na sua noção cósmica, daquilo que o filosofar requer e se propõe essencialmente e, finalmente, dos problemas mais gerais e mais elevados dessa ciência(1).

Tratando da filosofia segundo a sua ***noção cósmica*** (***Weltbegriffe***), como ciência dos fins últimos (***letzen Zwecken***) da razão humana, vale dizer, segundo aquela concepção elevada que lhe confere ***dignidade*** (***Würde***) e valor absoluto posto que, ***in sensu cosmico***, ela é a ciência da máximas supremas do uso da nossa razão, Kant conduz a filosofia neste sentido cosmopolita (***weltbürgerlichen Bedeutung***) às seguintes quatro questões: 1) que posso saber? 2) que devo fazer? 2) que me é permitido esperar? 4) que é o homem? À primeira questão, diz Kant, responde a ***metafísica***, à segunda a ***moral***, à terceira a ***religião***, à quarta a ***antropologia***. Porém, completa o filósofo, poder-se-ia conduzir tudo à antropologia, posto que as três primeiras questões se reportam à última(2).

Se temos algum interesse em compreender a filosofia de Éric Weil e, com ela, a irredução da dualidade de filosofia e violência ou, num sentido outro que temporal mas de modo nenhum atemporal, menos ainda intemporal, a dualidade insuperável de violência e filosofia, é da quarta questão da filosofia transcendental que devemos partir. Com efeito, a ***Introdução*** da ***Lógica da Filosofia*** de Weil, sob o título geral de "Filosofia e Violência", começa por uma "Reflexão sobre a filosofia" em dois momentos articulados: "o homem como razão"

---

* O texto que se segue é a parte central de uma conferência proferida na Semana de Filosofia promovida pela PUC-MG e pelas Faculdades Newton Ferreira de Paiva, no dia 11.06.1987, sobre o "O sentido e a intenção da filosofia de Éric Weil".

(LP, Intr. 3-11) e "o homem como violência" (ibid. 11-21)(3).

Partindo de uma interrogação sobre o sentido da tradicional definição do homem como "animal dotado de razão e de linguagem" (LP, Intr. 3). Weil mostra que ela significa que ordinariamente os homens não dispõem da razão e da linguagem razoável, "mas que eles ***devem*** dispor delas para serem ***plenamente*** homens" (ibid. 5).

Ora, definir o homem por aquilo que ele ***deve ser*** não contribui em nada para aquilo em vista do que a definição foi dada, pois o sentido de uma definição do homem pelo ***dever ser*** só poderia ser visto no momento em que ela realizasse. Diante desta dificuldade apresenta-se a alternativa de definir o homem por aquilo que ele ***não é***, destacando aquele traço essencial que Hegel chamou de ***a negatividade do homem:*** o homem é um animal como os outros, mas não somente isto porque, além das ***necessidades***, ele tem também ***desejos***, quer dizer, "necessidades que ele mesmo formou, que não são da sua ***natureza***, mas que ele mesmo se deu" (LP, Intr. 7). É aquilo que o homem não é, a sua negatividade, que o impulsiona a agir sobre o que ele encontra ao seu redor para satisfazer as suas necessidades e os seus desejos.

Assim, é o desejo e a negatividade que distinguem o homem dos outros animais. O homem é o único animal que emprega a sua linguagem para negar, para exprimir o que lhe falta, o que ele (não) é e o que ele (não) deseja. Numa palavra, o homem é um ser interessado que exprime o seu ***interesse*** em satisfazer a sua necessidade e o seu desejo. Ora, o seu interesse fundamental consiste em "libertar-se do descontentamento" (LP, Intr. 9) provocado pela necessidade e pelo desejo. Neste sentido, ser homem é criar o contentamento pela vitória sobre o descontentamento.

A descoberta do interesse último do homem revela aquilo em função de que os homens sempre agiram; mas revela também que desde que os homens se dedicaram a essa atividade de pôr no discurso coerente aquilo que todos fazem, isto é, desde que os homens se dedicam àquilo que no Ocidente, depois dos Pitagóricos, se chama filosofia, é o contentamento que lhes interessa, mesmo em filosofia ou, para sermos mais exatos, é só isto que lhes interessa em filosofia: "Contentamento e descontentamento, razão e animalidade, ser (presença) e não-ser (devir), liberdade e dado – toda filosofa gira em torno destes pólos" (LP, Intr. 12). É, portanto, no desejo e na negatividade primitiva que se encontra a origem da filosofia.

Que a filosofia tenha a sua origem na negatividade e no desejo significa, basicamente, duas coisas: primeiro, que ela não é a única possibilidade para o homem, pois ela nasce num solo que pode produzir e, de fato, produz outros frutos; segundo, que a busca do contentamento na razão e pela razão é uma busca livre e, portanto, sem razão, pois o razoável e o desrazoável se opõem no interior dos limites da razão. A escolha da razão não é, pois, desrazoável "mas uma escolha a-razoável ou, num sentido outro que temporal, pré-razoável" (LP Intr. 18). Numa palavra: ela é livre.

Segue-se daí que a filosofia pode ser recusada, sem que por isso se deva considerar aquele que a recusa menos homem ou um louco. De fato a maioria dos homens busca o contentamento na satisfação das necessidades, no apaziguamento do desejo e não na razão, como propõe o filósofo. A filosofia pode ser recusada, mas essa recusa só constitui um problema para a filosofia, não para o homem na vida corrente; só constitui um problema para aquele que, tendo escolhido o contentamento na e pela razão, vê que nem todas as formas de realização da negatividade, nem todos os meios de apaziguamento do desejo e de satisfação das necessidades são legítimos, isto é, razoáveis.

Mostra-se assim, mas só para o filósofo, uma verdadeira oposição entre a razão do filósofo e a vida, entre a razão e a realidade no interior da qual as possibilidades do homem se desenham. Na realidade não é a negatividade, nem o desejo legítimo, nem a necessidade que se opõe ao contentamento na e pela razão. O filósofo é um homem como os outros, cheio de desejos, necessitado e marcado pela negatividade como todos os outros. Porém, ele descobre que o que se opõe à razão e impede a realização da razão é "uma forma determinada de negatividade" (LP, Intr. 18), é o desejo do que não é legítimo, do que não é razoável, numa palavra: a ***violência***.

Assim, graças àquilo que se opõe à filosofia, descobre-se o segredo da filosofia: "O filósofo quer que a violência desapareça do mundo" (LP, Intr. 20), porque, sendo homem e não ainda sábio, ele não está nunca totalmente seguro de sua razão. Mais ainda, ele sabe que só a violência poderá impedí-lo de se tornar ou de ser sábio. Para o filósofo, que interdita certos desejos mas não pode interditar o desejo, "é legítimo o desejo que reduz a quantidade de violência que entra na vida do homem é ilegítimo o desejo que a aumenta" (ibid.). Dito de outro modo, não é legítimo senão o desejo que busca a razão e o contentamento.

Porém, a razão e o contentamento não aparecem para o homem senão no ***meio*** da violência, pois o homem não sai nunca do domínio onde a violência e o medo são possíveis. É preciso, então, que o filósofo encare a violência de frente, posto que o caminho que conduz à razão e ao contentamento só pode ser feito no interior da ***realidade***, no meio da violência, que é aquilo que resiste e ameaça a razão, e que não pode ser negado senão pelos meios que são da sua própria natureza.

A história da filosofia não é senão o caminho pelo qual o homem que escolheu livremente a razão, e o contentamento na e pela razão, tentou concretamente fazer com que a violência desaparecesse do mundo. A reflexão da filosofia é o caminho da razão no mundo em vista do desaparecimento da violência do mundo.

Da primeira à última das grandes filosofias, de Platão a Hegel, da transformação do ***diálogo*** em ***discurso*** ao discurso absolutamente coerente, a filosofia não quis senão compreender e vencer a violência pelo discurso. Para compreender a filosofia de Weil que, para nós, se situa na linhagem das grandes filosofias, é preciso alcançar e ultrapassar o resultado a que a filosofia chegou com a pretensão hegeliana do discurso absolutamente coerente possuindo o indivíduo. Com efeito, toda filosofia depois de Hegel tem que fazer as contas com Hegel. Nós somos todos pós-hegelianos, e não só por razões cronológicas. O específico weiliano, que aparece na irredutibilidade de filosofia e violência, está em que o seu pós-hegelianismo é kantiano, e é isto que pretendemos mostrar.

Para o discurso absolutamente coerente, a oposição aparentemente irredutível entre violência e discurso é compreendida e vencida. Só existe violência para o indivíduo, isto é, para o homem não universalizado. Mais ainda, a violência é a essência mesma do indivíduo como tal. Para o homem universal o homem do discurso absolutamente coerente, toda violência concreta possui um sentido para razão posto que, para esse homem, o mundo é "sentido totalmente revelado por si mesmo e para si mesmo" (LP, Intr. 54). Nesse mundo do absoluto realizado, a violência é compreendida no que ela é positivamente, a saber, "motor sem o qual não haveria movimento" (LP, Intr. 55). Posto que em cada um dos seus pontos particulares a violência é negatividade, na sua totalidade ela será, então, a positividade do ser que se reconhece razoavelmente como liberdade.

Porém, o resultado surpreendente do discurso absolutamente coeren-

te é que o indivíduo é compreendido pelo discurso, mais exatamente, ele pode compreender a sua individualidade, assim como ele pode também não se compreender, não querer se compreender razoavelmente. Com efeito, "não ensina o discurso absolutamente coerente que o homem é objetivamente livre, que o mundo foi transformado em mundo da liberdade e que o indivíduo pode se abandonar à vida, posto que no mundo não há mais lugar para o descontentamento razoável, quer dizer, posto que o mundo garante o contentamento do indivíduo que vive nas instituições razoáveis produzidas pela negatividade na sua história?" (LP, Intr. 55). Dito de outro modo: o que fecha o círculo do sistema hegeliano não é, justamente, aquilo que permite a sua ultrapassagem? Kantianamente falando, não é a liberdade que funda o discurso? Weilianamente falando, o fundamento do discurso não é, ele mesmo, não-discursivo?

O indivíduo a que nos referimos aqui não é aquele que não conhece as possibilidades do discurso absolutamente coerente, mas aquele que 'conhece o saber absoluto e o recusa" (LP, Intr. 55). Para esse indivíduo, a violência não é menos violência pelo fato de ser compreendida e, o que é mais grave, compreendida por um saber que o destrói. É verdade que, a partir do saber absoluto, pode-se dizer que esta dificuldade não é coerente, mas é igualmente verdade que o homem que conhece o saber absoluto pode escolher a incoerência.

É certo que o filósofo da ***Fenomenologia do Espírito*** não ignorou a violência, mas é igualmente certo que ele tem a pretensão de tê-la domesticado pelo discurso, e ele sabe que o único modo de justificar esta pretensão é fazer com que a violência faça o jogo da razão, seja uma espécie de "arma da razão"(4). Para Weil, porém, a questão do homem revoltado contra o saber absoluto não é desprovida de sentido, pois o homem pode escolher entre a razão e a não-razão, e essa escolha não é nunca uma escolha razoável, mas uma escolha livre, "o que significa, do ponto de vista do discurso absolutamente coerente, uma escolha absurda" (LP, Intr. 56).

Assim, nós que partimos de uma reflexão sobre o homem como ser agente e falante, como ser que, mesmo quando não fala, age razoavelmente isto é, segundo um discurso, chegamos ao surpreendente resultado de que o homem pode recusar o discurso ***em conhecimento de causa***. Ora, isto significa que o homem não é essencialmente discurso, que ele não é essencialmente razão, mas somente razoável, vale dizer passível de razão possível, mesmo na sua desrazão. Isto significa que

a razão é uma ***possibilidade*** do homem, e que "a outra possibilidade do homem é a violência" (LP, Intr. 57).

Depois de Hegel, isto é, para Weil, o problema fundamental da filosofia não é mais a oposição entre os discursos, mas ele se mostra novamente como o problema que, desde o início, revelou o segredo da filosofia, ou seja, a oposição entre o discurso e a violência. A diferença é que agora a oposição se estabelece entre o discurso coerente na sua totalidade e a violência pura, entre a filosofia consciente de si mesma e essa atitude pós-filosófica e antifilosófica do homem que conheceu a filosofia e, apesar dela e contra ela, a recusa.

Essa oposição pós-hegeliana indica que o homem é, no fundo do seu ser, outra coisa que discurso: ele é "um ser que pode se voltar para o discurso, que pode se compreender no seu discurso, mas que não é e não será jamais discurso" (LP, Intr. 57). Para Weil, violência e liberdade definem o homem. A violência é original, radical e irredutível, e a liberdade não se afirma senão sobre o fundo da violência. Kantianamente falando, a liberdade é sempre em situação.

Para Weil, a violência é uma possibilidade humana irredutível ao discurso, como ameaça constante ao discurso, pois o seu princípio não pode ser ***suprimido*** pelo discurso. Isto significa que a escolha da razão, logicamente anterior a toda razão, é uma escolha livre, quer dizer, sem razão: uma "escolha absoluta" (LP, Intr. 59). A violência original revela a liberdade originária que constitui o fundo não-discursivo de todo discurso humano.

Diante da violência pura, a filosofia que é recusa da violência redescobre aquilo que ela, interpretando-se como ciência do Ser, com subrepção apenas camuflada, tinha ***esquecido***, a saber, que ela não é necessária senão para quem se decidiu livremente por ela. Tomar a sério a violência pura, tornada pura pelo discurso absolutamente coerente, é pôr às claras que o fundamento da filosofia não é uma qualquer — histórica ou absoluta — ***necessidade***, mas a ***liberdade do homem***, a vontade de coerência e de sentido. A filosofia é ***fato da liberdade***, "fato de um sujeito finito que se eleva acima da sua finitude pelo seu pensamento agente, pela sua ação pensada"(5). Os gregos já tinham ***mostrado*** este fato antes que Kant o elevasse à consciência filosófica da filosofia.

O discurso absolutamente coerente pretende ter compreendido tudo, até a violência. Todavia, ele não compreende que se o possa rejeitar e

que se o rejeite de fato; ele não se compreende como ***possível*** e, portanto, não compreende a possibilidade de ser recusado em conhecimento de causa. Contudo, é um ***fato*** que o discurso absolutamente coerente pode ser recusado pois, ***de fato***, só existe filosofia para mim porque "eu ***quero*** que haja filosofia, porque eu ***ponho*** a existencia de um sentido, porque eu ***estipulo*** que existe a possibilidade de elaborar um discurso que compreenda tudo e a si mesmo " (LP, Intr. 61).

Para Weil, foi Kant quem colocou o problema filosófico fundamental da possibilidade da própria filosofia, possibilidade fundada numa decisão livre, decisão que não faz parte do discurso porque o funda. A decisão pelo discurso, a escolha da filosofia, "é princípio absoluto, o início que compreende, mas ao qual é inútil aplicar a idéia da compreensão" (LP, Intr. 61). Dito de outro modo, o fundamento do discurso está aquém do discurso, está na liberdade que é vontade de ação sensata, vontade de sentido que não se mostra como tal senão ao sentido desenvolvido, isto é, ao discurso coerente. Eis porque não se pode ser verdadeiramente kantiano senão pós-hegelianamente.

O kantismo pós-hegeliano de Weil se mostra na escolha livre da filosofia, na não-necessidade da filosofia, na consciência de que o homem pode escolher livremente entre o discurso e a violência, na consciência de que, em última análise, "para o discurso é uma empresa absurda querer impor o discurso ao indivíduo dado" (LP, Intr. 64), assim como é impossível buscar a justificação da compreensão antes da compreensão. A convicção de que a filosofia se funda sobre a liberdade, convicção indemonstrável porque toda demonstração depende do que ela mostra, é a que permite compreender a possibilidade da filosofia, permite compreender que ela é possível para o homem concreto, isto é, para mim e não para si mesma.

A filosofia tem o direito de se interpretar como ciência, como científica e até mesmo como eminentemente científica(6), desde que ela não interdite desse modo a compreensão de si mesma como possibilidade do homem, uma possibilidade exposta ao protesto e à recusa do indivíduo concreto, uma possibilidade que não pode ser imposta nem pelo discurso, nem pela violência, ao indivíduo que, pelo fato de recusar o discurso, não pode ser considerado louco ou criminoso. Enquanto possibilidade do homem, a filosofia é real no homem que elabora o seu discurso e que, discorrendo sobre o que todos fazem, isto é, sobre o seu interesse, se dá conta das suas possibilidades realizadas.

Com Kant e como Kant, Weil compreendeu que o homem não é essencialmente razão mas apenas razoável, que ele é primeiro violência, e que ele pode sempre voltar à violência da qual saiu por uma decisão pela razão. De Hegel e depois de Hegel, Weil aprendeu que o homem pode recusar o discurso em conhecimento de causa; mais ainda, que a verdadeira recusa do discurso só pode aparecer depois que este desenvolveu todas as suas possibilidades, tomando assim consciência da possibilidade de si mesmo, da sua não-necessidade, e da outra possibilidade de si mesmo, isto é, da violência.

A filosofia de Éric Weil se empenha em manter acordada em nosso tempo, a consciência da possibilidade da violência pura, essa possibilidade posterior à filosofia e com a qual toda filosofia tem que fazer as contas depois de Hegel. É verdade que a filosofia sempre teve a ver com a violência, que a violência é quem descobre o segredo da filosofia; porém, é somente com a recusa do discurso absolutamente coerente que ela (re)descobre a irredutibilidade do seu outro, (re)descobrindo ao mesmo tempo a sua própria não-necessidade, o seu fundamento na liberdade e, assim, a sua boa consciência.

A filosofia de Weil, como disse um dos seus mais profundos intérpretes, é o desenvolvimento sistemático da fórmula kantiana que define o homem como ser ***finito e razoável***. Na filosofia de Weil esta fórmula se mantém na sua integridade, e nela a palavra mais importante é o ***e:*** o homem, finito ***e*** razoável(7). Weil não ignora os resultados da filosofia de Hegel, mas ele é positivamente pós-hegeliano porque ele sabe que tem a ver com o discurso do homem que escolheu a coerência e a compreensão de tudo e de si mesmo.

A compreensão do homem como um ser apenas razoável, um ser que pode escolher a razão, que é "liberdade em vista da razão (ou da violência)" (LP, Intr. 68), significa que a filosofia é essencialmente histórica, e não se compreende senão na sua história. Existe filosofia, existe história da filosofia porque o homem ***quer*** pensar o seu mundo e a si mesmo nesse mundo, em função do sentido que esse mundo possui, e, assim, quer realizar o sentido do mundo pela ação razoável. Existe filosofia porque o homem é vontade de sentido, vontade sensata de um mundo sensato. É o homem concreto que ***faz*** filosofia, e a filosofia é o discurso de um ser cuja outra possibilidade, a possibilidade realizada primeiro, é a violência, pois "o homem forma o seu discurso na violência contra a violência, no finito contra o finito, no tempo contra o tempo" (LP, Intr. 69).

Para compreender a filosofia de Éric Weil e, com ela, a irredutibilidade de filosofia e violência, é preciso partir, como dissemos no início, da quarta questão da filosofia à qual Kant conduz as três questões da Crítica: que é o homem? Porém, o kantismo de Weil é pós-hegeliano, o que significa que é preciso ir além da formalização do discurso transcendental. Ultrapassar Hegel ir além de Kant, para Weil, significa completar a "segunda revolução" do pensamento kantiano, aquela revolução que o próprio Weil descobre como esboçada e encoberta na ***Crítica da faculdade de julgar***, revolução que consiste, em poucas palavras, na descoberta do ***fato de sentido***, do sentido que é fato.

Assim, ao mesmo tempo que assume a consciência kantiana para completá-la, a filosofia de Weil assume a pretensão hegeliana para recusá-la. Afirmar que "não existe filosofia do ponto de vista de Deus" (LP, Intr. 69), afirmar que o homem escolheu o discurso, e que o homem que escolheu o discurso não se compreende senão nas suas realizações, é afirmar que existe uma ***idéia*** do discurso coerente, mas não existe o discurso coerente materialmente exaustivo, vale dizer, existe a idéia do saber absoluto, mas não existe saber que seja absoluto e humano ao mesmo tempo. Existe filosofia, mas sempre e somente como filosofar(8).

NOTAS

(1) Cf. I. KANT, ***Werke in Zehn Bänden***, Bd. V, Herausgegeben von Wilhelm Weischedel, Darmstadt 1959, 444-450. Doravante citado: ***Logik***.

(2) Cf. I. KANT. ***Logik***, 447s. Sobre as três questões da Crítica ver: ***Kritik der reinen Vernunft***, A 804-805.

(3) Todo o desenvolvimento que aqui se segue é decalcado sobre a seção A. Filosofia e Violência, do capítulo terceiro: Lógica da Filosofia; do meu livro: ***Filosofia e Violência. Sentido e intenção da filosofia de Éric Weil***, São Paulo 1987, 125-135. A sigla (LP, Intr.) refere-se à Introducção da ***Logique de la Philosophie*** (2ª ed., Paris 1974) de E. Weil.

(4) A expressão é de A. de WAELHENS, "Sur une ***Logique de la Philosophie***", in: ***Existence et signification***, Louvain, Paris 1958, 39.

(5) Cf. G. ALMALEH, "Philosophie et histoire de la philosophie dans la ***Logique de la Philosophie***", in Archives de Philosophie 33 (1970): 446s.

(6) Sobre o sentido dessa afirmação na filosofia de Weil, ver o seu artigo: "La philosophie est-elle scientifique?", in Archives de Philosophie 33 (1970): 353-369.

(7) Cf. G. KIRSCHER, "Éric Weil: la philosophie comme logique de la philosophie", in Cahiers Philosophiques 8 (1981): 52.

(8) Sobre este ponto ver: E. WEIL, "Philosophie et réalité", in: *Philosophie et réalité. Derniers essais et conférences*, Paris 1982, 22-57, espec. 49.

SUMÁRIO

Eric Weil é um destacado representante das tendências básicas da Filosofia que continuam vivas no nosso tempo. A Filosofia é um discurso coerente no qual o homem torna-se consciente de si mesmo e realisa o fato de que o ser humano é, ao mesmo tempo, razoável e violento, finito e livre. Contudo, a razão é somente uma possibilidade da violência. Com relação a esse ponto de vista, Eric Weil passa além de Hegel e, por meio da sua retomada da **Terceira Crítica** *de Kant, coloca a questão última da Filosofia que é a questão do Sentido.*

SUMMARY

Eric Weil is an outstanding representative of the basic trends of philosophy which continues to live in our age. Philosophy is a coherent discourse in which man becomes aware of himself and realizes the fact that human being is both reasonable and violent, finite and free. And yet reason is only a possibility of being, while on the other hand there is also the possibility of violence. In regard to this viewpoint Eric Weil goes beyond Hegel and by means of his **reprise** *of Kant's* **Third Critique** *he poses the ultimate question for philosophy which is the question of Meaning.*